

Ao longo dos séculos, o ser humano sempre desejou consignar para a posteridade os grandes feitos, as heroicas façanhas, bem como os dramas e acontecimentos infaustos por ele sofridos. Em outros termos, o homem, aplicando seu sentido crítico, quis perpetuar os acontecimentos que considerou dignos de serem recordados pelas gerações futuras.

A este propósito, a intervenção divina na história da humanidade, registrada nas Sagradas Escrituras, é testemunho eloquente da importância de acompanhar os passos do homem em sua existência terrena, sem se desvincular do olhar atento e todo-poderoso do Criador. Conforme oportunamente destacou João Paulo II:

A revelação de Deus aos homens realizou-se no espaço e no tempo. O seu momento culminante, o fazer-se homem do Verbo divino, o seu nascimento da Virgem Maria na cidade de Davi no tempo do Rei Herodes, o Grande, foi um acontecimento histórico: Deus entrou na história humana. Por este motivo, contamos os anos da nossa história a partir do nascimento de Cristo.¹

Esse princípio aplica-se também à Santa Assembleia fundada por Jesus, como o mesmo Pontífice observou: “também a fundação da Igreja, através da qual Ele quis transmitir, depois da sua ressurreição e ascensão, o fruto da redenção à humanidade é um fato histórico. A própria Igreja é um fenômeno histórico e, portanto, um objeto eminente da ciência histórica”.²

Como se pode apreciar, a História analisada sob este prisma eminentemente teológico adquire sua total e real magnitude ante os olhos da humanidade. Com efeito, os homens jamais poderão se abstrair da presença do “dedo de Deus” (Ex 8,19) que por toda a parte intervém no desenrolar das diversas con-

1) JOÃO PAULO II. *Mensagem ao Presidente do Pontifício Comitê das Ciências históricas* (16/4/2004), n. 3 (*Insegnamenti di Giovanni Paolo II*. vol. 27, 1. 2004. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006, p. 466).

2) *Ibid.*

junturas históricas por eles vividas. Nessa perspectiva, ensina o Catecismo da Igreja Católica:

A solicitude da divina Providência é *concreta e imediata*, cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até os grandes acontecimentos do mundo e da história. Os livros santos afirmam, com veemência, a soberania absoluta de Deus no decurso dos acontecimentos: “Tudo quanto Lhe aprouve, o nosso Deus o fez, no céu e na terra” (Sl 115, 3); e de Cristo se diz: “que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre” (Ap 3, 7); “há muitos projetos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece” (Pr 19, 21).³

Neste terceiro fascículo do vol. 8 (n. 32) de *Lumen Veritatis*, o leitor encontrará um conjunto de artigos que tem como fundo de quadro estes importantes aspectos histórico-teológicos.

Primeiramente, o leitor, remontando-se ao século II a.C., terá ocasião de considerar a assim chamada “crise macabeia”. Os prolegômenos políticos, culturais e religiosos que, nessa quadra histórica, desfecharam no entrechoque judaísmo-helenismo e na perseguição religiosa promovida por Antíoco IV jogam um papel-chave para a interpretação desses acontecimentos enfrentados pelo povo de Israel.

Em segundo lugar, encontramos o tema do Renascimento do século XII, mais especificamente como a “ciência platônica” — em particular através da obra *Timeu* — teve papel preponderante na pesquisa científica deste período com importantes consequências para a formação da Escolástica.

Em terceiro lugar, a partir da teologia do Doutor Angélico, estuda-se o conceito de *imago Dei* e suas diversas evoluções ocorridas na obra do Aquinate. Tomando como referências o *Scriptum super Sententiis* e a *Summa Theologiae*, a análise desses enriquecimentos da teologia trinitária presentes nessas obras, os reflexos criados de Deus no mundo (*vestigium* e *imago*), além de unir conceitos como *imago Dei / Trinitatis* e a *analogia / imitação de Deus pela imagem*.

Em quarto lugar, passando para o período a partir da Reforma, investiga-se acerca do conceito de “teologia natural” e as variações por ele sofridas ao longo dos tempos. Mais concretamente como estas têm afetado a questão relativa ao “conhecimento natural de Deus” e a sua temática correlata: o “acesso do ser humano à divina revelação”. O estudo destas matérias — conside-

3) CEC, n. 303.

rando sua evolução a partir da síntese tomista, passando por Ockham, até os presentes dias — facilita compreender o conceito de teologia natural em sua profundidade.

Finalmente, a sequência de artigos se conclui com a apresentação de um estudo sobre a ação profética que se perpetua na Igreja, ressaltando que dita atividade, participativa dos próprios dons de Cristo Jesus, terá uma presença relevante nos tempos vindouros, conforme profetizado por São Luís Maria Grignon de Montfort. Com efeito, o mariólogo francês, em seu *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, prognostica uma nova Era Marial na história da humanidade.

Na seção de traduções publicamos a versão portuguesa inédita do capítulo II do livro 11 do *De locis theologicis* do dominicano Melchor Cano (séc. XVI). Neste tratado de metodologia teológica, o teólogo espanhol destaca a utilização de documentos históricos apresentados por homens sérios e idôneos como um dos “lugares” (dez no total) que propiciam ao estudioso demonstrar a veracidade da Fé. O trecho escolhido argumenta sobre a grande utilidade da História como fonte da teologia católica.

Por fim, as seis resenhas complementam este número, oferecendo uma grande variedade de temas: desde a Filosofia e a Teologia até o Direito Canônico e a História da Igreja.

O conteúdo doutrinal da presente revista indica com clareza a importância de realizar os estudos e as investigações teológicas à luz da história. A este propósito, se consideramos o célebre adágio de Cícero⁴ — “em verdade, a História é testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida” —, perfeitamente podemos concluir, parafraseando o Papa João Paulo II, que a História da Igreja, a *magistra vitae christianae*.⁵ Em outros termos, a História Eclesiástica, por causa de sua íntima relação com Deus, é *mestra da vida cristã*. Com efeito, os eventos ocorridos no passado, projetados sob a luz da teologia, podem servir de referência para interpretar adequadamente os presentes dias. Sirvam estas páginas de subsídio para reflexionar neste sentido.

4) CICERO, Marcus Tullius. *De oratore*, II, 36: “Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae”.

5) Cf. JOÃO PAULO II. Op. cit., p. 467.